

Alegre e tornou-se sócia-fundadora da Sociedade Brasileira de Biologia e Medicina Nuclear, que desde 2002 passou a denominar-se como Sociedade Brasileira de Biologia, Medicina Nuclear e Imagem Molecular.

Por coincidência da vida conheceu seu marido, o Sr. Rudolph – com quem está casada há 37 anos – em 1963 e ele tinha uma indústria de equipamentos para física e medicina nucleares; através de seus contatos a Dra. Anneliese foi apresentada ao Prof. Rômulo Pieroni, diretor do então Instituto de Energia Atômica, atual IPEN (Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares) no qual trabalhou como pesquisadora da CNEN (Comissão Nacional de Energia Nuclear) no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo e tratou de pacientes nas áreas de endocrinologia e câncer de tireóide através da aplicação de iodo radioativo sob a orientação do Prof. Dr. Julio Kieffer, “ele realmente foi um grande formador de médicos nucleares por toda a América do Sul”, confirmou a Dra. Anneliese, que chegou até ao cargo de pesquisadora associada e pode trabalhar também com neurologia e cintilografia cerebral.

No ano de 1968, desligou-se da CNEN para preparar sua tese de Doutorado. “Em 1971 foi estabelecido um acordo de cooperação científica entre a Alemanha e o Brasil. Através dele trabalhei meio ano no Centro de Pesquisas Nucleares do estado da Renânia – Westfália, no hospital de Medicina Nuclear daquele centro, na cidade de Juelich”. De volta ao seu país natal, tornou-se doutora com a tese: “Perfil radioativo do canal raquiano”, cujo assunto tratava de cintilografia dos espaços liquoricos e dinâmica do líquido cefalo-raquiano.

A convite do Dr. Marcos Liderman, radioterapeuta, em 1976, a Dra. Anneliese organizou o serviço de Radioisótopos – Diagnóstico do Hospital Alemão Oswaldo Cruz para as áreas de medicina nuclear e radioterapia relacionadas com a propedêutica oncológica. Quando, três anos depois recebeu outro convite. “O Dr. Josef Feher, cardiologista, juntamente com o Prof. Dr. Adib Jatene me convidou para trabalhar e organizar a seção de Medicina Nuclear no Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia; e ao mesmo tempo; o próprio Dr. Feher também me convidou para instalar a unidade de Medicina Nuclear do Hospital Albert Einstein. Ele sempre foi grande entusiasta da Medicina Nuclear”.

Nos anos 60 e 70 praticamente inexistia a cardiologia nuclear. No final dos anos setenta apareceram certas técnicas que se revelaram muito importantes para a cardiologia. Assim, os institutos procuraram especialistas em Medicina Nuclear. “O Dr. Feher me convidou para trabalhar no Instituto de Cardiologia, mas manifestei a preocupação de que não sabia nada de cardiologia. Então, ele me contou a seguinte situação: Um famoso cardiologista recebeu certo

dia o diagnóstico de câncer de esôfago. Imediatamente chamou seu assistente e lhe disse que queria que lhe tratasse. Ao que o mesmo respondeu: Como posso tratá-lo se não sei nada de câncer de esôfago? O professor respondeu: Mas, você pelo menos tem consciência de que não sabe nada. E irá estudar. Sendo assim, o Dr. Feher me respondeu: Eu não conheço Medicina Nuclear, você não conhece Cardiologia; por isso vamos estudar juntos e aprender Cardiologia Nuclear”.

A Dra. Anneliese prefere a denominação Medicina Nuclear aplicada à Cardiologia porque são procedimentos de medicina nuclear que servem para o diagnóstico de doenças cardíológicas, portanto, devem ser praticados em equipe formada por cardiologistas e médicos nucleares que tenham alta qualidade e confiabilidade. “Gostaria de continuar a poder orientar e ensinar os jovens residentes/estagiários em cardiologia nuclear. E dedicar-me mais à pesquisa do que ao assistencialismo”. Ela teve grande participação na Sociedade Paulista de Radiologia, no Colégio Brasileiro de Radiologia e Diagnóstico por Imagem, e na Sociedade Brasileira de Biologia, Medicina Nuclear e Imagem Molecular; locais onde atuou em comitês, comissões e na vice-presidência relacionados com a sua especialidade.

Atualmente, está no corpo editorial do European Journal of Nuclear Medicine and Molecular Imaging, juntamente com os colegas e doutores Edwaldo Camargo e Francisco Braga, representando o Brasil. Ela também pertence à Sociedade Americana de Medicina Nuclear e à Sociedade Européia de Medicina Nuclear. Desde 1996, a Dra. Anneliese é a Coordenadora do Comitê Científico e em 2002 assumiu o cargo de vice-presidente da SBBMN. Trabalha até hoje no Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia como Chefe de Seção Técnica de Medicina Nuclear e no Hospital Albert Einstein como médica autônoma.

De acordo com a Dra. Anneliese a medicina nuclear brasileira é bastante forte e de qualidade porque a formação na média é boa. “Precisamos de um maior reconhecimento e remuneração dos exames para preservar a qualidade da MN. É imperativo dar ênfase a uma formação unitária e não fragmentada mesmo tendo necessidade de trabalhar em equipe com as demais especialidades médicas”. Ela afirmou que com relação ao PET, os médicos nucleares precisam ser mais ousados e determinados se realmente quiserem essa tecnologia porque é irreversível que ela seja ultrapassada em pouco tempo, visto que está demorando muito para implantar-se no país. Outro assunto importante para a doutora está relacionado com a demonstração aos órgãos pagantes que as informações do PET são fatores de economia e que ainda todos têm muito trabalho pela frente para conseguí-la, principalmente na oncologia voltada para o público mais carente, como no caso do Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia que está ligado à Coordenadoria de Saúde da Região Metropolitana da Grande São Paulo e é um Órgão da Secretaria da Saúde.

*Renata Donaduzzi*  
*Editadora do Boletim do CBR*

